



Um das regiões mais afetadas pelo problema é a do Pontal da Barra, onde as águas do mar já destruíram parte do calçadão da orla e ainda ameaçam atingir uma barraca à beira-mar

PREJUÍZO. Em 15 km de orla, não é raro encontrar concreto e equipamentos urbanos danificados pela água

Avanço do mar continua causando estragos na capital alagoana

Mestre em Oceanografia aponta o desequilíbrio provocado pela ocupação urbana desordenada como uma das causas do problema

MARCOS RODRIGUES
REPÓRTER

O mar azul e atraente da capital esconde uma força colossal. A cada dia ele "come" a cidade pelas beiradas. Em diversos pontos da costa, o cenário da praia é constantemente alterado pelo seu avanço.

Em 15 km de orla marítima dentro da cidade, não é raro encontrar pedras, concreto e equipamentos urbanos arrastados pela água. Os milhões gastos, raramente com orientação de especialistas em biologia marinha, se tornaram pedaços revirados. Es-

se quadro é flagrante na orla das praias do Sobral e Pontal da Barra. Pedras gigantes hoje estão soltas, após o choque com a água, que também destruiu a calçada e até a ciclovia, ao lado da Avenida Assis Chateaubriand.

A "derrota" das iniciativas do município vem sendo acompanhada há anos pelo professor de Biologia e mestre em Oceanografia Gabriel Le Campion, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Ele aponta o desequilíbrio provocado pela ocupação urbana, que não levou em conta o desenho natural da costa, co-



Alerta

Informações apuradas pelo estudioso mostram um quadro assombroso de alteração da salinidade

mo o principal ponto para explicar a destruição do mar. "Não era à toa que os pescadores, antigamente, construíam suas casas há pelo menos 300 metros da praia", conta.

O comportamento dos caixas era uma forma de preservar e respeitar o mar. Hoje, a situação é triste, uma vez que está instalada uma "desarmonia" entre o mar e as águas dos rios, lagoas e pequenos riachos.

Informações apuradas pelo estudioso mostram um quadro assombroso de alteração da salinidade e a presença de espécies marinhas em trechos de rios e lagoas. Recentemente, ele soube da presença de massunim há uns 60 km da foz do Rio Coruripe.

"Ele é característico de regiões estuarinas. Estou

para receber amostras que devem confirmar este fato. Entretanto, no Rio São Francisco, a cunha salina já foi comprovada. O mar tem avançado na parte baixa. Com isso, espécies marinhas têm sido encontradas em pontos mais distantes do litoral", revela o professor.

Na capital, poços da Casal, também na parte baixa da cidade - Prado e Bebedouro -, estariam apresentando salinidade decorrente do contato com a água do mar. De acordo com ele, isso se explica pelo desmatamento da superfície. Esse fenômeno alterou o curso natural dos rios em direção ao mar.

Sobre a questão urbana, Le Campion esclarece que a praia é uma região de tensão. A área é uma espécie de "amortecedor natu-

ral", que recebe a energia da água do mar.

"A corrente de retorno tira o sedimento da praia e o leva até 300m para dentro. Com isso, ela eleva o leito do mar. Assim, onda quebra quando tropeça nos bancos de areia, antes de chegar à beira. Se não houver sedimento suficiente, as ondas chegam com mais energia na praia e temos um mecanismo erosivo mais intenso", detalha o especialista.

Le Campion explica que o avanço das construções, ao longo dos anos, eliminaram inclusive a "reserva natural" de sedimentos da praia (primeira duna), que servia de anteparo natural para dissipar a força do mar em situações em que ele se altera, como por exemplo quando sofre a influência do vento.



GABRIEL LE CAMPION
PROFESSOR DE BILOGIA E MESTRE EM OCEANOGRAFIA
"Não era à toa que os pescadores, antigamente, construíam suas casas há pelo menos 300 metros da praia"

Medidas paliativas são adotadas para conter danos

A alteração costeira também eliminou vegetação específica, como a "salsa de praia", que ajuda a reter a areia. Por isso tem sido comum, inclusive na região do pontal, a presença de areia na pista, arrastada pelo vento.

"Quando se constrói ou se coloca muros em cima da 'derma' tentando reter sedimentos, a corrente de retorno leva o sedimento que está na praia ao seu nível baixo, fazendo com que as ondas quebrem cada vez mais fortes na beira", completou Le Campion.

Ele lembra que são essas alterações que acabam dando a sensação de que o nível do mar está aumentando. Esse fenômeno ocorre num trecho da Ponta Verde onde houve "perda de praia".

Ele reconhece que há trechos onde, por causa do perfil da praia, também são afetados. Mas, em geral, foi a presença humana desordenada e sem orientação de especialistas que acabou provocando altera-

ções graves, que resultaram em erosão.

Uma das últimas medidas adotadas para conter o avanço das águas ocorreu na Pajuçara, onde muretas em forma de degraus têm, provisoriamente, segurado parte da estrutura.

A Gazeta esteve lá e encontrou, numa das barracas da orla, na Avenida Silvio Vianna, o auxiliar da gerência Izídio Cardozo Costa. Com 13 anos trabalhando no local, ele conta que, se não fosse a intervenção feita pelo município, o prédio poderia ter caído.

"Pelo que vejo aqui, se não fosse essa obra, a barraca não estaria mais aqui. Com a água não se brinca", conta Izídio.

Olhando lateralmente a estrutura, ela é mais avançada que a própria linha onde hoje fica o passeio público. Há dez anos, o mar quebrava há quase 30 metros do local. Hoje, esbarra diretamente no concreto.

A medida é paliativa, porque a ação da água sal-



Na Ponta Verde, pedras foram colocadas para tentar barrar o avanço do mar em trecho onde faixa de areia já diminuiu bastante

gada, associada à energia que armazena, vai a cada dia corroendo um pouco da sustentação.

PREOCUPAÇÃO

A gestão municipal já monitora os trechos destruídos e busca soluções que respeitem a dinâmica do mar. Quem revela é o secretário municipal de Infraestrutura, Roberto Fernandes. Recentemente, juntamente com o prefei-

to Rui Palmeira, ele visitou um trabalho pioneiro que está sendo posto em prática, na cidade de Jaboatão dos Guararapes/PE.

A ação do município pernambucano e, também em Maceió, visa construir, a longo prazo, um projeto longo e oneroso. Será a "engorda de praia", que consiste na colocação de sedimento.

A obra na capital vizinha ficou orçada em 42

milhões, custeados pelo Ministério da Integração. A meta é aumentar 40m de praia com a areia que está recompondo o litoral.

"Isto envolve um estudo minucioso que estamos fazendo com uma especialista em Geologia da Ufal. Já estamos pontecendo os 15km de praia. Iremos fazer um ação na orla e nos pontos atingidos. Vai depender dos recursos, que iremos pleitear com o go-

verno federal", disse Fernandes.

Emergencialmente, ele revelou que já foi encaminhada uma licitação, para a compra de pedra rachão. Mesmo reconhecendo ser um paliativo, ele explicou que é uma maneira de contenção emergencial.

Mas a meta principal é uma intervenção similar à de Recife, cujo projeto está sendo executado após um ano e meio. MR